



Enjeitado dois. Festa de aniversário

Autor
Gigio Brunello
Realização
Gigio Brunello
Ano
2004

Enredo:

Espectáculo de fantoches para o teatro, para festas ao ar livre, para as escolas.
De uma ideia de Gigio Brunello e Gyula Molnar.

Grandes preparativos na barraca. Chegou o aniversário do Ginetto, “o fantoche pequeno pequeno” abandonado em cueiros no laboratório do titereiro.
Com a Colombina, o Arlecchino, tia Ursa, o diabo Draghignazzo e o coelho Ginetto, antes pequeno e depois grande. Depois dos sucessos de *Um enjeitado em casa do diabo*, traduzido para todas as línguas e cheio de reconhecimentos, chega o *Enjeitado dois. Festa de aniversário*. Mesma barraca cavada de um baú, mesma atmosfera pirotécnica do teatro no teatro com as máscaras dell’Arte e personagens velhos e novos, todos animados das intensões quase humanas mas constringidos a ter em conta da natureza deles de cabeças de madeira.

Personagens:

Página em construção

Ficha técnica:

Enjeitado dois. Festa de aniversário. Obra de fantoches

Autor: Gigio Brunello posição SIAE 49107

Registo SIAE 863479A

Actos: único

Duração: cerca de uma hora

Animação: titereiro solista

Idade: para todos

Materiais técnicos: a companhia é autónoma no que diz respeito luzes e som

Exigências técnicas: Instalação corrente eléctrica

Rendimento melhor em um ambiente protegido e escurecível

Não é indispensável o camarote ou o estrado

Se desempenhado ao ar livre: público sentado

**Recensão:****L'Eco di Bergamo, 6 de Agosto 2005****Também os fantoches têm continuação**

Gigio Brunello escreveu a prossecução do seu primeiro espectáculo “Enjeitado dois” irá em cena hoje à noite em Piazza Vecchia. Uma estreia

Terceiro encontro com “Bairros e fantoches” hoje à noite em Piazza Vecchia às 20.45. e terceiro espectáculo que não se pode perder “Enjeitado dois” do “Teatrino della Marignana” de Gigio Brunello, de Mestre (Veneza), 54 anos, no teatro de figura há 27 anos.

Trata-se de uma ocasião importante porque é a primeira vez que Brunello se exhibe em Bergamo. O artista veneto é um dos poucos capazes de enxertar dentro da tradição um engraçado e culturalmente actualizado desenvolvimento contemporâneo.

Brunello inventou de novo, assim como fez Papparotto, uma tradição de fantoches veneta ligada à Commedia dell'arte. Mas ele é também o criador de uma livre revisão dramaturgica das máscaras (“Macbeth de repente”) e é autor-intérprete de espectáculos de objectos (“The Big Five”).

“Enjeitado dois” insere-se entre a primeira e a segunda corrente: máscaras e fantoches reelaboraram a tradição entre comicidade popular e referências cultas. Pintor, escultor e actor, Brunello recebeu em 2003 o Prémio da Crítica, atribuído a poucos exponentes do teatro de figura.

“Enjeitado dois” é um caso, não muito frequentes, de “serial” para fantoches. Porquê?

“Foi quase um passo obrigatório, porque “O enjeitado em casa do diabo” foi o meu maior sucesso de público e de mercado. Retomei personagens e situações daquele espectáculo mas escrevi uma história nova com algumas novidades no que diz respeito o fantoche clássico”.

Também quando trabalha dentro da tradição, você não renuncia a novas soluções.

Atrai-me ver onde consegue ir um fantoche, por exemplo fazendo “andar” Arlecchino com a cabeça para baixo ou dando-lhe o papel de narrador. Agrada-me que o titereiro, em lugar de tentar iludir-nos, denuncia a própria condição de pedaço de madeira animado pela mão do titereiro. Acho que isso seja engraçado e, sobretudo, abra possibilidades inimagináveis para o teatro tradicional”.

Muitas pessoas consideram inútil a intervenção no teatro de fantoches, visto que o grande público italiano gosta dele assim como é.

Assim como é risca de ser um museu e, pior ainda, o ambiente do teatro de figura torna-se autoreferencial. A imagem tradicional dos fantoches funciona dentro dum mundo fechado, mas o mundo não é assim. Enquanto este tipo de teatro sempre foi aberto às solicitações externas”.

Apesar disso, você nunca cortou a ligação com a Commedia dell'arte.

As máscaras não estão presentes em todos os meus espectáculos, não há máscaras por exemplo nos espectáculos de objectos.

Mas nos espectáculos na barraca estão sim presentes.

Entre “barraca” e Commedia dell'arte há uma ligação muito forte, genética. Amo a Commedia dell'arte: é teatro pobre e popular, metateatral e mitopoético, inventa o seu espaço e produz imaginário com instrumentos simples. E Arlecchino é o meu herói, astuto mas ingénuo ao mesmo tempo. Mas temos que ter cuidado: a Commedia dell'arte deve ser limpada da imagem oleográfica que caiu em cima dela, das escórias do goldonismo oitocentista, do moralismo edificante e do convencionalismo das comédias.

Para si, a barraca é portanto um lugar que deve ser libertado?

O do qual se libertar. Em todo o caso, não é um espaço neutral, não o pode ser. No meu próximo espectáculo será uma prisão, onde ambiente um “Diálogo entre Jesus Nazareno e Pinoquio encarcerado”. Fantoches e titereiro estarão atrás das barras.



A inovação tem raízes bem fundadas na tradição. Como vê, deste ponto de vista, o teatro de figura italiano?

Em Italia já não há muito espaço para tentativas de pesquisa ou novidades, mas isso não é um problema só do teatro de figura ou do teatro *tout court*. É um encerramento geral da sociedade inteira, em contra tendência em comparação com o resto da Europa. É uma dinâmica preocupante.

Pier Giorgio Nosari